



(Fig.22) Menino Jesus no trono / Séc. XIX
Museu Henriqueta Martins Catharino
Fonte: Catálogo Meninos Deus – Os Meninos do
Recolhimento dos Humildes e outros Meninos Deus
Fotografia: Sérgio Benutti

As representações do *Menino Jesus Majestoso* apresenta Cristo com a mesma postura do tipo *Salvador do Mundo*, ostentando com a mão esquerda o globo do mundo e com a direita fazendo o gesto de abençoar. Difere desse último apenas pela utilização de rica indumentária e atributos característicos da realeza, como coroa e cetro.

Fazem parte desse modelo a imagem do *Menino Jesus de Cebu* (fig. 23) que, na escultura em destaque, apresenta cabeça e mãos esculpidas em marfim, capa e túnica bordadas com fios de prata e bota também em prata e o *Menino Jesus de Praga* (fig. 24). Esta última talvez a mais conhecida e divulgada representação do Menino Infante, cuja devoção se desenvolve inserida no contexto histórico das guerras religiosas da Áustria, com o apoio da ordem carmelitana.



(Fig.23) Menino Jesus de Cebu
Museu Oriental
Fonte: Actas do IV Simpósio Luso-
Espanhol de História da Arte / Portugal e
Espanha entre além-mar p. 271



(Fig. 24) Menino Jesus de Praga
Fonte:http://comsantateresa.org.br/website/index.php?option=com_content&task=view&id=366&Itemid=1 acesso em 27/06/09

Na representação do *Menino Jesus Triunfante*, Cristo geralmente aparece sobre globo do mundo e bloco de nuvens, repleto de querubins, podendo portar alguns atributos reais como coroa, ou cruz passional simbolizando sua vitória contra a morte (fig. 25). Neste exemplar, o Menino está representado com coroa real, assentado sobre globo do mundo, cercado por grande bloco de nuvens. Faz o gesto bendizente com a mão direita e, provavelmente, deveria ter na esquerda vara crucífera. Dispostos pelo bloco de nuvens, seis anjos ostentam os instrumentos do martírio.

Com uma iconografia muito similar, a representação denominada *Menino Jesus Ressuscitado* (fig. 26) também apresenta o triunfo do Menino Jesus sobre a morte. Diferencia-se apenas, segundo Paque³⁵, pelo movimento ascensional de Cristo, que pode estar com os pés afastados da base ou peanha e aparecer com as chagas. Estas, entretanto, são mais comuns nos exemplares seiscentistas. Na imagem em destaque, o Menino Jesus está sobre nuvens, em um nítido movimento de ascensão, com os braços abertos e olhar

³⁵ PAQUE, Vicente Henares, Op. Cit.

para o alto, tendo as vestes levemente esvoaçantes. Na parte posterior sobressai resplendor dourado, com grandes raios, fazendo alusão ao espaço celestial.



(Fig.25) Menino Jesus Triunfante / Séc. XVIII
Fonte: Catálogo Meninos Deus – Os Meninos do Recolhimento dos Humildes e outros Meninos Deus



(Fig.26) Menino Jesus
Igreja de N. Sa da Glória do Outeiro
Fonte: Arte Sacra Brasileira, p. 199
Fotografia: Dimitri Lambu

Uma das imagens mais conhecidas, na arte cristã, é a de Jesus como o *Bom Pastor*. Esse tema remonta o período paleocristão, onde a figura de Cristo aparece como um jovem pastor vestido com túnica, sustentando um cordeiro (fig. 27) Está vinculada ao tipo artístico encontrado na arte greco-romana. Nos textos bíblicos a figura do pastor é aplicada a Jesus, quer por ele mesmo, quer por outros. O evangelho de João (10. 11-16) faz referência a uma passagem em que Jesus declara ser O Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, tendo dever de conduzi-las.³⁶

³⁶Bíblia de Jerusalém



(Fig. 27) Bom Pastor - Catacumba de Priscila,
Roma - Século III
Fonte: http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat14/Mathesis14_9.pdf
Acesso em

Comum na arte indo-portuguesa, esse modelo iconográfico foi muito utilizado pela Igreja Católica no processo de evangelização dos povos do Oriente. Percebemos aqui as adaptações sofridas ao modelo iconográfico do Bom Pastor encontrado nas catacumbas. Nesse caso, Jesus aparece como criança, dormindo, sentado sobre um coração, tendo as pernas cruzadas ao modo oriental e os pés calçados com sandálias. Por todo o monte, figuras representativas da cultura indiana aparecem e, na parte inferior, deitada a moda indiana, representação de Maria Madalena (fig 28).

Essa iconografia foi disseminada nas colônias portuguesas, sobretudo no Brasil, a partir do século XVII, influenciando algumas produções locais. Na Bahia, o ceramista português Frei Agostinho da Piedade produziu belíssimos exemplares do Bom Pastor utilizando como matéria a terracota.³⁷

Na representação do *Menino Jesus de Olinda* (fig. 29) percebe-se a semelhança com os modelos orientais, estando Jesus sentado sobre um coração em atitude de profunda meditação, segurando o globo do mundo

³⁷ Para saber mais ver FARIA, Patrícia Souza de, A cultura barroca e seus impactos sobre os espaços coloniais: Política e religião na Índia Portuguesa. Dissertação de Mestrado em História, UERJ, RJ, 2004

encimado por uma cruz. Toda a figura está assentada sobre uma grande almofada. Na base, inscrição em latim, “*Ego Dormio Sed Cor Meum Vigilat*” que significa “Eu estou dormindo, mas meu coração está vigilante”.³⁸



(Fig. 28) Bom Pastor
Marfim / Século XVII
Museu de Arte Sacra/UFBA
Fotografia da autora



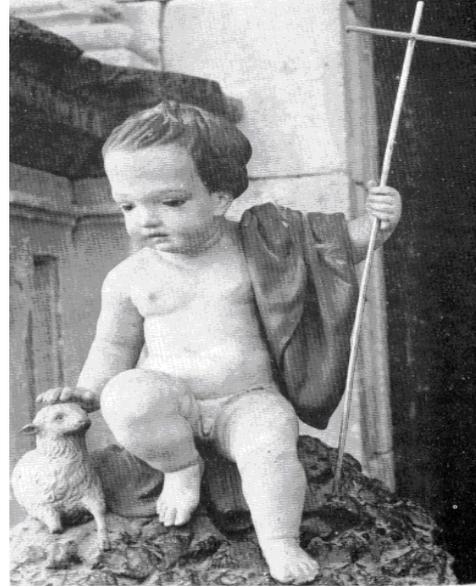
(Fig.29) Menino Jesus de Olinda / Séc. XVII
Frei Agostinho da Piedade
Mosteiro de S. Bento de Olinda
Fonte: Nordeste Histórico e Monumental p. 428
Fotografia: Clarival Prado Valadares

Alguns exemplares de imagens do Bom Pastor também estão presentes na arte granadina, ou seja, produzida em Granada-Espanha. O Menino aparece geralmente desnudo, cuidando do cordeiro que lhe segue. Segura cajado ou vara crucífera e aparece sobre pequeno monte (figs. 30 e 31).

³⁸ Ver estudo de SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria. *Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade - Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1971. p. 34



(Fig. 30) Menino Jesus Bom Pastor
Escola Granadina – séc. XVIII
Fonte:
<http://www.fuesp.com/revistas/pag/cai0103.html>

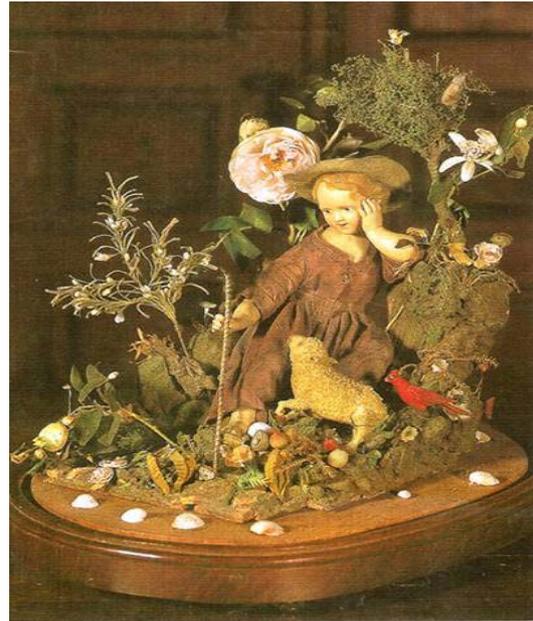


(Fig. 31) Menino Jesus Bom Pastor
Escola Granadina – séc. XVIII
Fonte:
<http://www.fuesp.com/revistas/pag/cai0103.html>

Na região central da Espanha, essas representações destacam-se pela decoração com flores secas e de papel, conchas e pássaros, além de outros elementos em miniatura que dão a composição um aspecto mais naturalista (figs. 32/33) Pela diversidade de materiais envolvidos e delicada elaboração ornamental, podemos dizer que estas imagens são as que mais se aproximam das representações denominadas Menino Jesus do Monte, que analisaremos posteriormente.



(Fig. 32) Bom Pastor Séc. XVIII
Juan Pascoal de Mena
Monastério de La Encarnacion de Madrid
Fonte: <http://www.efeta.org/ES/gpermanente004.php>
acesso em 26/06/09



(Fig. 33) Bom Pastor / Séc. XVII
Museo Santo Domingo El Antiguo – Toledo
Fotografia: Julio de La Cruz - Postal

Em um curioso trabalho de escultura em madeira, a rica interpretação iconográfica do artista destaca elementos diversos, estando o Menino Jesus deitado sob uma árvore, à moda indiana, apoiando a cabeça em uma das mãos. A árvore, no topo de uma montanha, apresenta raízes grandes e expostas. Na base desta última, um crânio e, ao lado direito, uma serpente sobe em direção à árvore, podendo fazer alusão ao paraíso. Na frente da árvore a figura de um homem em oração com chapéu nas costas remete as representações de São José de Botas, que também tem como atributo o chapéu. Pode também remeter a situação de penitência, ao eremitério ou peregrinação. À frente da árvore, uma imagem do Divino Espírito Santo pode apontar a possibilidade de ser uma representação da Santíssima Trindade. Nesse caso, a figura do homem em oração poderia estar associada a imagem do Pai. Não sabemos ao certo a qual iconografia essa escultura se refere, entretanto, percebe-se a nítida influência da imaginária oriental (fig. 34/35)



(Figs. 34) Menino Jesus Séc. XVII
Coleção Mirabeau Sampaio /Odebrecht
Museu de Arte Sacra/UFBA
Fotografia da autora



(Figs. 35) Menino Jesus – ângulo direito da
peça
Fotografia da autora

A explosão devocional ao Divino Infante que se desenvolveu especialmente nos Mosteiros femininos incentivou os artistas a trabalharem com as mais variadas tipologias de Menino Jesus, como já foi citado anteriormente. Cabe ressaltar que, em muitas representações, a indumentária servia para diferenciar os vários modelos iconográficos que foram surgindo, a exemplo daqueles em que se apresentam vestidos conforme a função litúrgica, como é o caso do *Menino Jesus Presbítero* (fig. 36) e o *Menino Jesus Papa* (fig. 37).



(Fig. 36) Menino Jesus Presbítero / séc. XVIII
Mosteiro da Encarnação – Madrid
Fonte: <http://www.efeta.org/ES/gpermanente004.php> acesso em 26/06/09



(Fig. 37) Menino Jesus Papa / séc. XVIII
Coleção Particular – Espanha
Fonte: <http://www.efeta.org/ES/gpermanente004.php> acesso em 26/06/09

Associadas as grandes visões místicas ou frutos da explosão devocional de mulheres no interior dos conventos, as imagens do Menino Jesus eram destinadas a pequenos altares ou oratórios de uso particular, expressando ao mesmo tempo, a fragilidade infantil do recém nascido e a força do Salvador do Mundo.

Vemos hoje apenas uma pequena amostra da grande quantidade de imagens produzidas, relacionadas a infância de Jesus, cultuadas nesses espaço. No Convento da Encarnação das Descalças Reais, em Madri, encontramos um valioso acervo com as mais variadas iconografias relacionadas ao Menino Deus (fig. 38).



(Fig. 38) Imagens do Menino Jesus em várias iconografias
Convento da Encarnação de Iãs Descalças Reales - Madrid
Fonte:<http://www.efeta.org/ES/gpermanente004.php>
acesso em 26/06/09

No século XIX, na França, tem início a propagação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a partir da restauração da Companhia de Jesus. Em 1856, Pio IX estendeu a celebração da Festa do Coração de Jesus à Igreja Universal.³⁹ No Brasil, o Apostolado da Oração, fundado em 1867, em Recife, promoveu o culto ao Sagrado Coração de Jesus, estimulado pela reforma da Igreja Católica, ocorrida nesse período.⁴⁰ Com isso, a Igreja passa a se preocupar com o catolicismo popular e suas devoções exageradas aos santos, fazendo com que muitas dessas devoções fossem esquecidas e a figura do Cristo adulto passa a ser valorizada.

A partir do levantamento realizado, classificamos as imagens encontradas em grupos que se assemelham pela temática iconográfica, dividindo-as da seguinte forma:

³⁹ O culto ao Sagrado Coração de Jesus, na França, esteve envolto em uma realidade política e social de crises e revoluções, ocorridas no período de Luis XVI. Para saber mais, ver SCHNEIDER, Roque, A Espiritualidade do Coração de Jesus ontem e hoje, Ed Loyola, 2002

⁴⁰ No Brasil o culto ao Sagrado Coração de Jesus esteve relacionado a atuação do episcopado frente ao catolicismo popular, passando a controlar as práticas de devoção. Nesse momento o episcopado começa a ter autonomia frente ao poder régio, consolidando-se na época republicana com o fim do Padroado.

- ❖ Históricas (referentes aos textos bíblicos);
- ❖ Ligadas a Paixão;
- ❖ Gloriosas e triunfantes;
- ❖ Relativos à função litúrgica
- ❖ Outros

Ver Apêndice A.

1.4 MENINO JESUS COMO ATRIBUTO ICONOGRÁFICO DOS SANTOS

A diversidade de atributos que foram sendo incorporados às imagens sacras serviu para personificar um santo, caracterizando-o através de um episódio célebre de sua vida, como um milagre, ou objeto pessoal.

A fines de La Edad Media los atributos se multiplicaron, contribuyendo los gremios a su mantenimiento y difusión. Surgen nuevos símbolos que caracterizan al santo como patrono de una determinada confradía o de un gremio de trabajo.⁴¹

Segundo Oliveira⁴², as linhas gerais referentes à iconografia do santo eram estabelecidas no processo de canonizações, definindo aspectos particulares e sua individualidade, facilitando assim seu reconhecimento.

Em muitas representações de santos a figura do Menino Jesus surge como atributo iconográfico, fazendo parte de sua hagiografia. Geralmente faz referência a cenas inspiradas em visões milagrosas ou êxtases dos santos.

Nas primeiras representações em que o Menino aparece, Ele está sempre deitado na manjedoura junto a seus pais, José e a Virgem Maria. São as conhecidas representações da Natividade e Adoração, que já citamos anteriormente (fig. 39).

⁴¹ ORTIZ, Alicia Sánchez, Op. Cit. pg.320

⁴² OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de, A Imagem Religiosa no Brasil, In: Mostra do Redescobrimto, Arte Barroca, Fundação Bienal de São Paulo, SP, 2000



(Fig. 39) Sagrada Família / Presépio - Séc. XVIII
Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC)
Fonte: <http://mnmachadodecastro.imcip.pt/Data/Documents/cat%C3%A1logo%C2%AEO%20Menino.pdf>

Destacamos as representações de Maria com o Menino, já encontradas nos registros da arte nas catacumbas, com cenas onde Maria segura seu filho nos braços. Este tem sido um dos temas mais valorizados e divulgados em toda história da produção artística cristã.

Não pretendemos estender nossa análise apresentando às inúmeras iconografias em que Nossa Senhora aparece com o Menino Jesus, entretanto, apontamos aqui dois modelos iconográficos que não são muito conhecidos.

No primeiro, a Virgem aparece sentada em cadeira de alto espaldar, alimentando o Salvador com o leite materno, símbolo da aliança entre Mãe e Filho (fig.40).

Na outra imagem, a Mãe Santíssima vela docemente o sono do Menino, cercada por querubins. De mãos postas, Maria reza pelo seu filho, sabendo de sua grande missão salvadora. A pintura a óleo tem como moldura primoroso trabalho de talha do século XVIII (fig.41).



(Fig. 40) Virgem do Leite / Séc. XVIII
Santo António dos Olivais
Fotografia: José Pessoa
Fonte: [http://mnmachadodecastro.imcip.pt/Da
ta/Documents/cat%C3%A1logo%C2%AE0%
20Menino.pdf](http://mnmachadodecastro.imcip.pt/Da%20ta/Documents/cat%C3%A1logo%C2%AE0%20Menino.pdf)



(Fig. 41) Virgem com o Menino a dormir
Séc. XV/XVI - Postal
Igreja Monumento de São Francisco – Porto
Postal

Servindo de modelo para o mundo cristão, a *Sagrada Família* passou a ser cultuada a partir do século XVII na Europa. Em algumas composições, os três personagens caminham juntos; Jesus tem a aparência de um menino de cinco ou seis anos e segue, dando as mãos a seus pais (fig. 42).

Em outras representações, não tão comuns, além das três figuras mencionadas, aparecem Sant'Ana e São Joaquim, formando a *Santa Parentela*. Na imagem em destaque, a figura do Menino encontra-se centralizando a composição, figurando como elemento principal. Acima, representação do Pai envolto em bloco de nuvens. (fig. 43).



(Fig. 42)) Sagrada Família / séc. XVIII
Museu de Arte Sacra / UFBA p. 97
Fonte: Catálogo MAS)UFBA
Fotografia: Sérgio Benutti



(Fig.43) Santa Parentela e Santíssima Trindade
Séc. XVIII
Igreja Paroquial de S. Mamede
Capela de N. Sa. de Montesserrate, Lisboa
Catálogo Olhares sobre Jesus Menino
Fonte: <http://www.presidencia.pt/?idc=59&idi=12128>

Do conjunto das representações genealógicas de Jesus, surge o modelo iconográfico conhecido como *Santas Mães*. Nesta representação, o Menino aparece centralizando a composição, entre a mãe Maria e a avó Ana, que é representada como uma mulher de meia idade. A imagem se destaca pelo trabalho escultórico bem elaborado, pelo volume e movimentação dado as vestes das santas, bem como pela quantidade de querubins que se encontra cercando o bloco de nuvens. Em outras representações, O Menino Jesus também pode aparecer no colo da Virgem (fig.44).



(Fig. 44) Santas Mães / Século XVIII
Igreja de N. Sa. do Rosário – Sabará
Fonte: Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais³⁰
Fotografia: Pedro Davi

A figura de São José, durante a Idade Média, está vinculada a imagem de um ancião, geralmente como um personagem de menor importância, mas a partir do seiscentos, com a valorização do tema da Sagrada Família, sua iconografia começa a sofrer alterações, aparecendo individualmente e sendo considerado modelo de castidade. O Menino Jesus, quando aparece como seu atributo, geralmente está em seu colo ou segurando a sua mão. (fig. 45)

Também o franciscano português Antônio de Pádua tem como atributo o Menino Jesus, que lhe terá aparecido várias vezes. “Encantava-se com o Deus-Menino e mereceu recebê-lo várias vezes milagrosamente em seus braços.”⁴³ Nas imagens do santo, Jesus geralmente aparece sobre um livro aberto, alusão ao conhecimento que Antônio tinha das Sagradas Escrituras. Sua popularidade, tanto em Portugal como no Brasil, pode ser comprovada pelas inúmeras capelas dedicadas ao santo, propagando-se por todo mundo cristão (fig. 46).

⁴³ SOLIMEO, Plíneo Maria, O “Pequeno Rei” – Divino Menino Jesus de Praga



(45) São José / Séc. XVIII
Museu de Arte Sacra / UFBA.
Fotografia: Sérgio Benutti



(46) Santo Antônio / Séc. XVIII
Museu de Arte Sacra / UFBA
Fotografia: Rômulo Fialdini
Fonte: www.mas.ufba.br cesso em
10/05/09

São João Batista, primo de Jesus a quem batizou no rio Jordão, pode ser representado tanto adulto como criança, muitas vezes brincando com o Menino. Na escultura em destaque, João Batista traz seus atributos iconográficos, como o Cordeiro Divino e vestes de pelego⁴⁴. Abraça o primo carinhosamente e tem olhar voltado para a pomba que Jesus carrega na mão (fig. 47).

⁴⁴ Espécie de roupa feita com pele de carneiro.

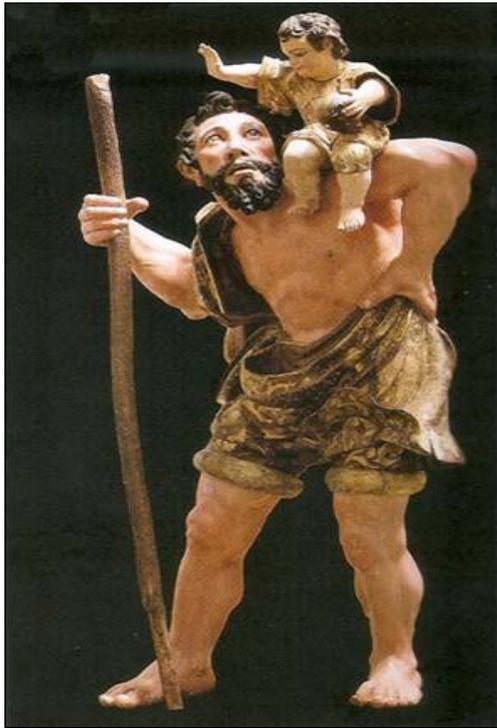


(Fig. 47) Menino Jesus e São João Batista / Séc. XVIII
Coleção Mirabeau Sampaio / Odebrecht
Museu de Arte Sacra/UFBA
Fotografia: Uelton Correia

Um dos mais populares santos que aparece com o Menino Jesus é São Cristóvão (fig. 48). Sua iconografia provém de uma lenda, a partir do seu próprio nome latino “Christoforus”, que significa “o que leva Cristo”. Segundo a lenda, era um homem de forte compleição e, por este motivo, teria sido aconselhado por um eremita a utilizar sua força para ajudar pessoas que precisassem passar por um rio perigoso. Certo dia, o próprio Menino Jesus lhe pede ajuda para passar até o outro lado. Cristóvão sente muita dificuldade em transportar a criança, que se torna muito pesada, quando Jesus então revela-se e transforma o bordão utilizado por Cristóvão em uma palmeira cheia de tâmaras.⁴⁵

Nascida no Peru Santa Rosa (fig. 49) foi a primeira nativa das Américas a ter o título de santa. De descendência espanhola Crioula, tornou-se símbolo do triunfo da Igreja Cristã no Novo Mundo. Morreu muito jovem, depois de muitas enfermidades e mortificações. Patrona do Peru, suas imagens aparecem com variados atributos, dentre eles uma coroa de rosas e espinhos e, muitas vezes, segurando o Menino Jesus.

⁴⁵ ROIG, Juan Ferrando, Iconografía de los santos Ed. Omega, AS, Barcelona, p.82



(Fig. 48) São Cristóvão e o Menino Jesus / Séc. XVII
Catedral de Cuernavaca, México
Fonte: Catálogo In The Arts In Latin American
1492 – 1820 p. 270
Fotografia: Michel Zabé
Reprodução Edjane Silva



(Fig. 49) Santa Rosa de Lima / Séc. XVIII
Museu de Arte Colonial, Ecuador
Fonte: Catálogo In The Arts In Latin American
1492 – 1820 p.
Fotografia: Michel Zabé
Reprodução Edjane Silva

Pelas visões místicas relacionadas à figura do Jesus Infante, alguns santos são representados recebendo o Menino das mãos da Virgem Maria. Este é o caso de São Francisco de Assis, o grande divulgador da cena do Presépio, Santo Estanislau Kostka, São Caetano, dentre outros.

Um coração inflamado dentro do qual está o Menino Jesus é o atributo místico de Santa Gertrudes, a Grande. Teve a santa, várias revelações com a presença divina de Jesus e afirma-se que, por duas vezes, Gertrudes “repousou a cabeça no peito de Nosso Senhor e ouviu as batidas do seu coração.”⁴⁶

⁴⁶ BUTLER, Alban, Vida dos Santos, Petrópolis, RJ, Vozes, 1993, p. 151

A veneração dos santos à figura do Salvador Menino pode ser apreciada em uma preciosa representação espanhola. Na gravura do século XVII, Nossa Senhora segura nos braços o Menino Jesus que põe a mão na cabeça de Santa Teresa de Jesus, abençoando-a. Ao fundo, imagem de santos e santas mártires, extasiados, observando a cena (fig. 50)



(Fig. 50) A Virgem com o Menino, Santa Teresa de Jesus e outros santos
Francisco Camilo / Cerca de 1660
Museu do Prado
Fonte: <http://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/la-virgen-con-el-nino-santa-teresa-de-jesus-y-otros-santos/>

1.5 A DEVOÇÃO AO MENINO JESUS NA BAHIA

O grande número de imagens de devoção na Bahia demonstra a estreita relação que o fiel mantinha com o sagrado. Fundamentais no processo didático e de comunicação entre a Igreja Católica e a população leiga, as representações artísticas religiosas serviram como modelo de fé concebido pelo cristianismo, chegando ao Brasil com os primeiros colonizadores. Para Ribeiro “não poderia ter sido de outra forma, tendo-se em vista o profundo fervor religioso dos portugueses, cujas raízes medievais se confundem com a própria nacionalidade do país”.⁴⁷

Segundo Freire:

Quando a cultura brasileira começou a ser plasmada, a mentalidade do elemento europeu era múltipla, a grande massa dos colonos portugueses trouxe consigo uma mundivisão medieval prevalecente nas aldeias de origem, somente os representantes da nobreza e da burguesia, em menor proporção, mas com poder decisório, é que conheciam e incorporavam como cultura de classe, o humanismo renascentista. Isto alíás não era próprio de Portugal, como estado periférico da Europa, ocorria em grande parte dos estados e em menor proporção na Itália.⁴⁸

O catolicismo baiano, com característica devocional intensa, favoreceu a produção de uma imaginária que, segundo Flexor, não era resultado apenas de uma sensação estética, mas de uma necessidade física voltada muito mais para o ato de externar a fé, do que para a compreensão da doutrina católica.⁴⁹

O papel de relevo exercido pelas Irmandades e Confrarias incentivou a devoção aos santos e a proliferação de imagens de culto, dando destaque a algumas tipologias iconográficas. Também nos Conventos e Ordens Religiosas desenvolveu-se uma grande produção de arte sacra, a exemplo dos beneditinos. Para tudo se recorria a um santo.

⁴⁷ RIBEIRO, Myriam, Op. Cit. p.47

⁴⁸ FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro, Imaginária e Imaginário no Brasil Colonial, Atas do 18º Encontro da associação de Pesquisadores em Artes Plásticas, Salvador, 2009, p. 2.147

⁴⁹ FLEXOR, Maria Helena, A Religiosidade Popular e a imaginária na Bahia do século XVIII, In: Actas do III Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Universidade de Évora, 1995, p.12

Os homens, os órgãos, os fenômenos, as profissões, as instituições, a cidade e a própria igreja tinham seu santo protetor. Santa Isabel era da Ordem Terceira do Carmo, S. Crispim dos sapateiros, S. José dos carpinteiros, pedreiros e marceneiros, São Jorge dos ferreiros, Santo Eloi dos ourives, Santo Antônio dos negociantes, N. Sra. da Fé dos solteiros, Santa Luzia dos olhos, Santa Bárbara contra a tempestade, São Francisco Xavier da cidade do Salvador...⁵⁰

Levada ao ambiente particular e doméstico, algumas representações ganhavam devoção especial nas residências baianas, tratados com piedosa adulação pelos devotos. Nas casas grandes era comum a construção de uma capela que atendia às funções religiosas da família, sendo também ponto de reunião social aonde eram celebrados casamentos, batizados e primeiras comunhões.⁵¹

A maioria das capelas e ermidas do período colonial foram erigidas pela devoção de pessoas leigas, com freqüência em cumprimento de promessas feitas. Não poucas vezes a comunidade local se organizava depois em irmandade para cuidar do edifício sagrado e manter o culto.⁵²

Também Freyre faz referência aos ritos católicos de cunho popular, no Brasil, sendo estes uma “liturgia antes social que religiosa”. Descreve o autor uma dessas cerimônias.

[...] os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres: as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus[...]⁵³

O oratório estava presente na vida doméstica da população, repleto de imagens de culto particular. Junto a estes, a imagem do Menino Jesus sempre figurava como uma das representações prediletas. Traduzindo a pureza da infância, a afeição ao Deus Menino ganha destaque, especialmente a partir do tema da Natividade incorporada aos presépios.

Assim como em Portugal, aqui no Brasil o culto ao Menino Jesus sempre esteve mais relacionado à figura feminina, talvez pela ligação entre a criança e

⁵⁰ FLEXOR, Maria Helena, Op. Cit. p.18

⁵¹ MOTT, Luiz, Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a Capela e o Calundu, In: História da Vida Privada no Brasil – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa 1, Companhia das Letras, SP, 1997 p. 168

⁵² AZZI, Riolando, O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular, Cadernos de Teologia e Pastoral, Ed. Vozes, 1977, RJ, p.15

⁵³ FREYRE, Gilberto, Casa Grande e Senzala, formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal, Ed. Rio de Janeiro, RJ, 1933, p.22

os cuidados maternos. A imagem de Jesus criança era presença obrigatória nos oratórios familiares, chegando até ser cuidado como um membro da família.

Mott destaca a intimidade com que os santos eram tratados pelos cristãos leigos no Brasil colonial, especialmente pelas beatas. Em seu texto “Donzelas Recolhidas”, faz referência a uma africana, ex-prostituta que tinha fama de santa pelos devotos de Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo considerada “Esposa da Santíssima Trindade, Mãe de Misericórdia, Rainha dos vivos e Juíza dos mortos”. Rezava ofícios de Nossa Senhora e São José, tríduos e novenas dedicados a diversos santos, inclusive ao Menino Jesus. Segundo o autor:

Na alma barroca dessa africana fortemente marcada pelo imaginário religioso europeu, havia lugar para sincréticas intimidades com o sobrenatural – por exemplo, ao divulgar que o Menino Jesus vinha diariamente pentear-lhe sua dura carapinha e que, em agradecimento por esse mimo, Rosa Egípcíaca, tal qual as amas-de-leite que abundavam no Brasil escravista, ela própria dava de mamar ao Divino Infante em seu negro peito. Contraditoriamente, enquanto Santa Teresa d’Ávila em seus colóquios espirituais tratava o Divino Esposo por “Vossa Majestade”, nossos antepassados manifestavam muito maior intimidade com a corte celeste de que autoridades constituídas.⁵⁴

Caracterizado por ser uma devoção tipicamente feminina, o culto ao Jesus Infante esteve presente nos conventos e recolhimentos baianos, a exemplo do Convento do Desterro, onde viviam filhas de abastadas famílias baianas. No inventário das religiosas deste convento, consta que o número de imagens do Menino Jesus só era inferior a do Santo Cristo, vindo logo em seguida, as imagens do Senhor dos Passos e os Presépios.⁵⁵ Inspiradas de uma vocação maternal, as irmãs clarissas do Desterro cultuavam o Menino Jesus, realizando festas em sua homenagem, a Maria e José.

O culto dedicado ao Deus Menino assume características bastante peculiares, de contornos bem populares, sendo possível falar de uma certa “afetização” por parte dos devotos. Essa tradição, já muito realizada em

⁵⁴ MOTT, Luiz Op. Cit. P.183

⁵⁵ NASCIMENTO, Anna Amelia Vieira. Patriarcado e religião : as enclausuradas clarissas do Convento do Desterro da Bahia, 1677-1890. Salvador: Secretaria da Educação de Cultura, 1994. p.214

Portugal, foi sendo absorvida pela população, ganhando cada vez mais espaço nos lares e conventos baianos.⁵⁶

Segundo Carvalho:

Dentro do calendário litúrgico, a devoção ao Deus Menino alcança seu ponto alto no Natal. Ocasão em que, dentre outras festividades, se fazia a troca anual do rico enxoval, tanto nos conventos, quanto nas residências das famílias baianas. No dia de Natal, a pequena imagem era deitada desnuda, sobre a palha da manjedoura e, no 1º dia do ano, dia da circuncisão, vestia-se a imagem que, então, era colocada de pé sobre o monte.⁵⁷

Nos Conventos da Lapa e Soledade também era grande o amor das reclusas ao Menino Jesus, entretanto, é no Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, em Santo Amaro da Purificação que essa devoção vai se difundir com maior fervor, sobretudo no século XIX.

Em uma conversa com Irmã Iolanda, religiosa pertencente a atual “Congregação” de Nossa Senhora dos Humildes⁵⁸, foi citado por esta que a devoção ao Menino Jesus não surgiu no Convento, mas sim a partir da população local. Entretanto, analisando os documentos ainda existentes, verificamos que no livro que descreve o “Cerimonial para se lançar hábito e serem recebidas as recolhidas de Nossa Senhora dos Humildes”⁵⁹, datado de 1808, existe uma referência a imagem do Menino Deus. Este deveria estar presente nas cerimônias de acesso das jovens, comprovando que a devoção existia.

⁵⁶ São conhecidas as celebrações natalícias das Irmãs Clarissas na Ilha da Madeira. A produção de presépios artísticos, celebração de cerimônias religiosas próprias do ciclo do Natal, além da grande devoção ao Deus Menino já havia sido introduzida neste convento, no século XVII. Para saber mais, ver FONTOURA, Otília Rodrigues, *As Clarissas na Madeira – Uma presença de 500 anos*, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal, 2000

Fonte: <http://www.ceha-madeira.net/livros/clarissas%20na%20madeira.pdf>

⁵⁷ CARVALHO, Vânia Bezerra de, *Deus Menino no Monte, Uma Devoção Requistada e Feminina*, Revista do Curso de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, Vol. 1, nº3, BA: 2001, p. 184

⁵⁸ O Recolhimento de N. Sa dos Humildes foi elevado a Congregação em 8 de dezembro de 1927, pelo então Arcebispo Primaz D. Augusto Álvaro Silva. Isso aconteceu, em virtude das reformas eclesiais nas instituições de reclusão feminina e masculina, com o objetivo de intensificar o controle sobre estas e ampliar seus espaços de atuação na Bahia.

⁵⁹ O documento intitulado “Cerimonial para Imposição de Hábito e Recepção de Recolhidas de Nossa Senhora dos Humildes da Vila de Santo Amaro, extraído do Cerimonial das Recolhidas do Senhor Bom Jesus dos Perdões” foi o único registro encontrado em posse das religiosas dos Humildes, que estão atualmente vinculadas ao Convento de São Raimundo. Trata-se de um caderno onde eram registradas, além das primeiras regras da instituição religiosa, a entrada e saída das candidatas a recolhidas, de 1817 a 1928. Infelizmente seu estado de conservação não é bom, o que dificultou a leitura e manuseio deste. Também não foi autorizado o seu registro fotográfico.

Costa na documentação que:

Da parte de cima, junto a cadeira da Benfeitora, se porão duas Bancas cobertas com suas colxas e toalhas emgomadas. Em huma estará hum Menino Deos ricamente ornado com suas luzes accezas, que não terão menos de quatro, com ramos e flores. Na outra huma salva de prata, vazia, e huma Bandeja, que servirão para se lançarem as joias e vestidos da Entrante⁶⁰

Isso acontecia também em outros Recolhimentos, como no caso do Carmelo do Rio de Janeiro que, no momento da entrada da noviça à Instituição, era esta recebida com uma imagem do Menino Jesus. Além desta, outras imagens ficavam espalhadas pelo Recolhimento, como na cozinha, no espaço do presépio e algumas em nichos dos corredores.⁶¹

Da grande devoção ao Menino Jesus na cidade de Santo Amaro da Purificação nasce a representação iconográfica denominada *Menino Jesus do Monte* e que ficou conhecida a partir das imagens produzidas pelas religiosas dos Humildes.

Segundo Pe. Schneider⁶², “as devoções são frutos do meio ambiente da época; respondem invariavelmente ao espírito do tempo; tem suas raízes no chão de realidades locais.” Em concordância com o autor, percebemos que o complexo fenômeno devocional envolve aspectos sociais que refletem expressões diversas no âmbito nacional ou regional.

A cidade de Santo Amaro da Purificação, no recôncavo baiano, sempre se destacou como pólo de manifestações culturais, sobressaindo-se inclusive como centro de produção artística e religiosa da colônia. A riqueza advinda de uma nobreza açucareira e a instalação, na região do recôncavo, de irmandades e ordens religiosas, propiciou um desenvolvimento artístico muito particular nessa localidade, o que refletiu principalmente na produção da imaginária cristã.

Mais adiante discutiremos alguns aspectos atinentes às relações sócio-econômicas estabelecidas no recôncavo baiano, e como estas influenciaram a

⁶⁰ O livro, datado de 12 de setembro de 1808, foi aprovado e confirmado pelo Exmo. Rvmo. D. Fr. José de Santa Escolástica, da Ordem de São Bento, Arcebispo Metropolitano naquele período.

⁶¹ ALGRANTI, Leila, *Honradas e Devotas: mulheres na colônia – Condição Feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*, José Olympio Ed. RJ, 1999, p.285

⁶² SCHNEIDER, Roque, *Op. Cit.* p. 24

criação do Recolhimento dos Humildes e, conseqüentemente, a produção do Menino Jesus do Monte.

Fundamentada na religiosidade feminina, a devoção em torno do Menino Jesus, na Bahia, sedimentou-se em virtude de seu caráter popular, baseada, sobretudo, na tradição dos ritos do Natal.

2. PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES DE RECLUSÃO FEMININA NO BRASIL

As restrições impostas ao Brasil pela Metrópole quanto à criação de conventos no período colonial já foram amplamente citadas pela historiografia. A reclusão feminina não atendia a política de povoamento da colônia que, naquele momento, buscava assegurar a posse do seu território. Para tanto, a coroa portuguesa estimulou a realização de casamentos, não apenas como forma de aumentar a população, mas também, com o propósito de incentivar o estabelecimento dos colonos nas terras conquistadas.

Para a Igreja o casamento parecia ser a alternativa mais favorável, no sentido de controlar a pouca moralidade dos colonos, “que viviam concubidados com as índias”.¹ Até meados do século XVIII, a escassez de mulheres brancas na Colônia obrigou o governo português a enviar órfãs nas expedições destinadas ao Brasil e até mulheres de conduta moral duvidosa. Jovens eram preparadas em Portugal, especialmente pelo Recolhimento de Évora, com a intenção de suprir essa carência.²

Com todas essas dificuldades, a miscigenação foi tomando conta da colônia portuguesa, causando grande preocupação à Coroa. Além disso, outros empecilhos restringiam as opções ao casamento, como: “a exigência de altos dotes entre as camadas mais diferenciadas da população, os estatutos de pureza de sangue, além de questões sobre legados e divisão de propriedades.”³

A solicitação de grandes dotes, por exemplo, dificultava a realização desses casamentos em virtude da diminuição dos bens das famílias, especialmente se esta era composta por muitas filhas a casar. Isso também estimulava o ingresso das mulheres nos conventos que exigiam um dote bem menor do que para o casamento.

¹ ALGRANTI, Leila Mezan, Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia – Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822, Edunb, José Olympio Editora, 1999, p. 64

² AZZI, REZENDE apud LAVRIN, A vida Religiosa Feminina no Brasil Colonial, In: Vida Religiosa no Brasil Enfoques Históricos, Ed. Paulinas, 1983, p. 26

³ ALGRANTI, Leila Mezan, Op. Cit. , p.66

Apesar do projeto colonizador estabelecido pela Metrópole, inúmeras solicitações chegavam da Colônia visando autorização para construção de instituições religiosas femininas. Esses pedidos partiam, especialmente, dos chefes de família de classe senhorial.

Para esses, o interesse imediato era garantir e aumentar o seu poder pessoal na própria sociedade colonial, em termos sociais e, sobretudo, econômicos. Toda a família devia servir a esse fim, inclusive as filhas. Assim, só interessava casar uma filha com homem rico ou detentor de algum cargo importante na administração colonial.⁴

A dificuldade em encontrar para as filhas maridos adequados também levou muitos pais a enviar as jovens para conventos portugueses, expondo-as aos riscos das viagens marítimas. “Por isso, muitas famílias preferiam não casar as filhas com pessoas que não fossem de sua iguala.”⁵

Na busca de uma vida cristã voltada para a perfeição mística, jovens donzelas optavam pela vida de reclusão em conventos e até em suas próprias casas, fechando-se em clausuras particulares. Mas nem sempre a vocação falava mais alto. Muitas recorriam a essa opção como forma de proteger sua honra, longe do contato com os homens, outras eram levadas por seus pais ou até esposos, por erros de conduta ou adultério. Havia também as viúvas que se instalavam nesses espaços religiosos, muitas vezes acompanhada das filhas, como forma de refúgio e segurança.

Sem autorização para fundação de conventos, colonos recorriam a criação de casas que atendiam as mulheres, dando-lhes assistência educacional e, em alguns casos, serviam como orfanatos. Para essas, a licença de funcionamento era conseguida com maior facilidade e, com o passar do tempo, acabavam se estabelecendo como instituição religiosa.

Segundo Azzi e Rezende⁶ é em Olinda que surge a primeira tentativa de organização de vida religiosa feminina, no ano de 1576, com a formação de um recolhimento de mulheres da Ordem Terceira Franciscana, sob a responsabilidade da irmã Maria Rosa.

⁴ AZZI, Riolando, REZENDE, Maria Valéria, Op. Cit. p. 28

⁵ NASCIMENTO, Anna Amália Vieira, O Convento do Desterro da Bahia, Gráfica Industria e Comunicação, 1973 p. 17

⁶ AZZI, Riolando, REZENDE, Maria Valéria, Op. Cit. P. 30

“É somente em meados do século XVII que a vida religiosa feminina começa a estabelecer-se de forma definitiva no Brasil, inicialmente pela fundação de recolhimentos importantes, destinados a serem transformados em conventos, e em seguida com o aparecimento do primeiro mosteiro erigido canonicamente.”⁷

Criado com a autorização do Rei D. Afonso VI, o mais antigo Mosteiro de Religiosas do Brasil, o Convento do Desterro, teve sua licença de fundação concedida no ano de 1655, chegando as primeiras religiosas em 1677. Conforme estudos de Nascimento⁸, houve uma grande dificuldade em conseguir religiosas que se interessassem em começar a fundação desse convento no Brasil, em virtude dos perigos aos quais teriam que se submeter. Do Convento das Clarissas de Évora e do Mosteiro de Santa Apolônia vieram as primeiras freiras, que aportaram na Bahia em 29 de abril de 1677, com calorosa e solene recepção. Mais tarde, outros dois conventos foram erigidos, o da Lapa, em Salvador e o outro da Ajuda, no Rio de Janeiro.

2.1 CONVENTOS E RECOLHIMENTOS: ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FEMININA

Na falta de um ensino institucionalizado, os conventos e recolhimentos femininos foram, até o século XIX, os únicos espaços destinados a instrução de mulheres. O ideal de mulher pura e recatada, dedicada à vida do lar, no período colonial, também estimulou o surgimento de instituições religiosas femininas destinadas tanto a vida contemplativa cristã, como também a educação de meninas até a idade do casamento.

Em Portugal não existiram aulas régias até finais do século XVIII. Sem receber atenção dos meios governamentais, o Convento das Ursulinas, criado em 1753, bem como o da Visitação, de 1782, dedicavam-se a educação de “raparigas” portuguesas, além de prestar assistência aos enfermos.⁹

⁷ AZZI, Riolando, REZENDE, Maria Valéria, Op. Cit. P. 31

⁸ Ver NASCIMENTO, Anna Amelia Vieira Op.Cit

⁹ RIBEIRO, Arilda Inês Miranda, Vestígios da educação feminina no século XVIII em Portugal, Ed. Arte & Ciência, SP, 2002.

Mesmo com a criação de alguns estabelecimentos de ensino formal para mulheres no Brasil, nas últimas décadas dos oitocentos, a educação feminina ainda estava condicionada a formação moral religiosa cristã. Nesse período, a preocupação voltava-se, sobretudo, para seu importante papel no contexto familiar.¹⁰

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para ela, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter; sendo suficiente, provavelmente doses pequenas ou doses menores de instrução. Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios.¹¹

A criação dos recolhimentos supria a carência na educação das jovens, valorizando especialmente os princípios do catolicismo, mas também acolhiam mulheres arrependidas ou viúvas que aspirassem vida religiosa.

Embora não fossem canonicamente reconhecidos, essas instituições femininas tinham o aval da Coroa, sendo considerados espaços religiosos. Segundo Algranti¹², o termo “recolhimento” era utilizado “...para identificar todas as instituições femininas de reclusão que não tivessem sido fundadas com o apoio do Papa, mas erguidas com fins devocionais, caritativos ou educacionais.” Apesar de instituídas por leigos, estavam submetidas direta ou indiretamente ao Arcebispado.

Semelhantes, na estrutura interna, aos conventos e mosteiros de freiras, que se recolhiam do mundo para dedicar-se a vida religiosa, nos recolhimentos as internas não faziam profissão ou votos religiosos, como as freiras regulares, embora vivessem também sob regime de reclusão total ou parcial, dependendo da instituição.¹³

¹⁰ O início do século XIX, no Brasil é marcado pela chegada da família real. O modelo de família burguesa compõe o cenário romântico dos oitocentos, sendo a esposa totalmente dedicada aos filhos e marido em um ambiente familiar adequado. Mesmo que lentamente, mudanças significativas marcam a nova mentalidade social urbana da época.

¹¹ LOURO, Guaracira Lopes, Mulheres na sala de aula, In: História das Mulheres no Brasil, Org. PRIORE, Mary Del, Ed. Contexto, SP, 2004 P.446

¹² ALGRANTI, Leila Mezan, Op. Cit. P. 78

¹³ MOTT, Luiz, Fundação dos Recolhimentos do Parto In: Rosa Egipcíaca – Uma santa africana no Brasil.Ed. Bertrand Brasil S.A., RJ, 1993, p.267

Em seus estudos sobre os recolhimentos baianos, Andrade¹⁴ identifica, nos séculos XVIII e XIX, as seguintes instituições religiosas femininas na Bahia. São estas:

1716 – Recolhimento do Santo Nome de Jesus

1723 - Recolhimento do Bom Jesus dos Perdões

1735 – Convento das Ursulinas das Mercês

1739 – Recolhimento das Ursulinas da Soledade

1744 – Convento da Conceição da Lapa

1755 – Recolhimento de São Raimundo

1807 – Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes

Destaca atenderem as seguintes finalidades:

- Recolhimentos destinados a meninas órfãs ou moças de classe média;
- Recolhimentos que visavam abrigar mulheres transviadas, mas arrependidas, ou mulheres moralmente erradas com desejo de regeneração;
- Aquelas, cujas mulheres, além de dedicarem-se a vida religiosa e contemplativa deveriam ainda cumprir uma missão educativa;
- E ainda existiam aquelas para mulheres que desejassem uma vida mais piedosa na oração e na penitência, muitas destas, viúvas ou abandonadas pelos maridos. Sem a pretensão de estabelecerem estatutos, funcionavam geralmente em suas próprias residências.

Conforme os dados apresentados, em meados do século XVIII surgem o maior número de instituições religiosas femininas na Bahia. Essa condescendência da Coroa explica-se pelo fato de, naquele momento, o número de homens brancos ter diminuído consideravelmente, em virtude do declínio da produção açucareira e migração para Minas Gerais¹⁵.

¹⁴ ANDRADE, Maria José de Souza, Os Recolhimentos Baianos – seu papel social nos séculos XVIII e XIX, Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n.90, 1992, p.225

¹⁵ AZZI, Riolando, REZENDE, Maria Valéria, Op. Cit. P. 32

A partir de agora voltamo-nos, com maior interesse, ao Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, por ser esta a instituição responsável pela produção artística, objeto de estudo desta pesquisa.

Apesar de também atender mulheres que quisessem levar vida religiosa e contemplativa, o Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes foi fundado para cumprir principalmente, missão educativa. No documento datado de 1808, intitulado “Livro de normas de recebimento e despedidas das meninas pensionistas que entrarão neste Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, **para nelle serem educadas**”¹⁶, fica clara essa proposta educacional.

No Capítulo I do seu Estatuto¹⁷, de 1910, o artigo 6º esclarece que:

As órfãs educadas à custa desta casa logo tenham terminado a sua aprendizagem e estiverem prontas nos estudos e trabalhos que ensina êste Recolhimento, deverão retirar-se dele mediante prévia comunicação da Regente aos seus respectivos pais, tutores ou protetores. Se porém antes desse tempo alguma delas mostrar desejos de retirar-se, far-se-á imediatamente a comunicação.

O Capítulo V, artigo 1º, fala sobre os deveres “Da Mestra de Leitura e Escrita”, informando: “A esta 2ª Mestra pertence ensinar a ler, escrever e contar com perfeição a todas as meninas dêste Recolhimento no que se deverá haver com muita prudência zelo e paciência.”¹⁸

Consideramos importante destacar que a vida conventual feminina não pode ser estudada dissociada da configuração social no qual estavam inseridas. Refletindo comportamentos de uma época, essas instituições religiosas estavam pautadas em um modelo de educação voltado para a maternidade e preservação da família. Apesar disso, não podemos deixar de reconhecer o papel exercido pelas mulheres que estavam à frente dessas instituições, encarregando-se de inúmeras tarefas no campo da educação e assistência social.

¹⁶ Este documento é parte integrante do “Cerimonial para Imposição de Hábito e Recepção de Recolhidas de Nossa Senhora dos Humildes da Vila de Santo Amaro, extraído do Cerimonial das Recolhidas do Senhor Bom Jesus dos Perdões”. Arquivo de São Raimundo - Grifo nosso

¹⁷ Documento pertencente ao Convento São Raimundo, datado de 1910.

¹⁸ Refere-se a “Mestra de Leitura e Escrita” como segunda mestra, por considerar a Mestra e Diretora da Instituição, “mais que as outras mestras.”

Cabe aqui citarmos a preciosa análise de Vauchez sobre o modelo de espiritualidade ocidental feminina, no período medieval, afirmando não ter sido este apenas uma simples cópia da dos homens. O autor destaca:

...já em meados do século XIII, tornou-se evidente para os clérigos que um certo número de mulheres, empenhadas em experiências de vida espiritual intensa, adquiriram nesse domínio uma ampla autonomia, e até uma certa superioridade em relação aos homens...¹⁹

Complementando essa análise e trazendo-a mais próxima a nossa realidade, Priore comenta que, no período colonial, a condição feminina de submissão ao homem foi, em muitos momentos, burlada pelas mulheres, que souberam estabelecer “formas de sociabilidade e solidariedade” que facilitavam sua vida comunitária.²⁰ Lentamente as mulheres passavam, cada vez mais, a assumir tarefas dentro de organizações religiosas, conforme atesta Nunes:

No fim do século XIX as freiras já se encarregavam de inúmeras tarefas necessárias à sociedade, particularmente no campo da educação, da saúde e da assistência social. Afora as mulheres pobres, as freiras foram as primeiras a exercerem uma profissão, quando ainda a maioria da população feminina era do lar.²¹

Em se tratando do Recolhimento dos Humildes podemos afirmar que, para além das suas funções religiosas, essa instituição desempenhou papel importante no campo social e educativo da região do recôncavo baiano, atendendo na formação das jovens candidatas. Estas geralmente pertenciam a família de grandes senhores de engenho, mas o Recolhimento atendia também a órfãs e desamparadas.

Aprendiam a leitura, escrita, costura, trabalhos de bordado e renda. Dentre as várias atividades que realizavam envolvendo as artes decorativas, destacava-se a ornamentação dos Meninos Jesus que logo ganhou fama. Segundo a historiadora Zilda Paim, a manutenção do estabelecimento, que possuía apenas como patrimônio pequenos prédios, dependia do “produto

¹⁹ VAUCHEZ, André, A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – séc. VIII a XIII, Jorge Zahar Editor, TRD. Lucy Magalhães, RJ, 1995, p.149

²⁰ PRIORE, Mary Del, Mulheres no Brasil Colonial, Ed. Contexto, SP, 2000, p. 9

²¹ NUNES, Maria José Rosado, Freiras no Brasil, In: História das Mulheres no Brasil, Ed. Contexto, UNESP, SP, 2004, p.492

material de suas recolhidas”²², ou seja, todo trabalho que envolvia as artes decorativas e culinária, incluindo a produção dos Meninos Jesus.

Conforme mencionado anteriormente e, segundo o Estatuto do Recolhimento dos Humildes, as órfãs admitidas podiam receber educação à custa da casa. A despesa das pensionistas de famílias mais favorecidas, entretanto, devia ficar a cargo de seus pais ou responsáveis diretos, como comprova o registro encontrado em um dos inventários de uma tradicional família de Santo Amaro.

No Inventário do Tenente Coronel Manoel Bernado Calmon Du Pin, encontramos o registro de despesas no Recolhimento dos Humildes, referente a duas de suas filhas, Maria Germana Calmon e Rosa Calmon.

Homem de grandes posses, Coronel Manoel tinha muitas terras, gados, escravos, prataria, engenhos e terras, deixando como testamenteiro e administrador de seus bens, o irmão, desembargador Antônio Calmon Du Pin e Almeida. No livro de “Rendimentos e Despesas” há o registro, com datação de 1960, referente a gastos com suas duas herdeiras, internas do Recolhimento (fig. 51)

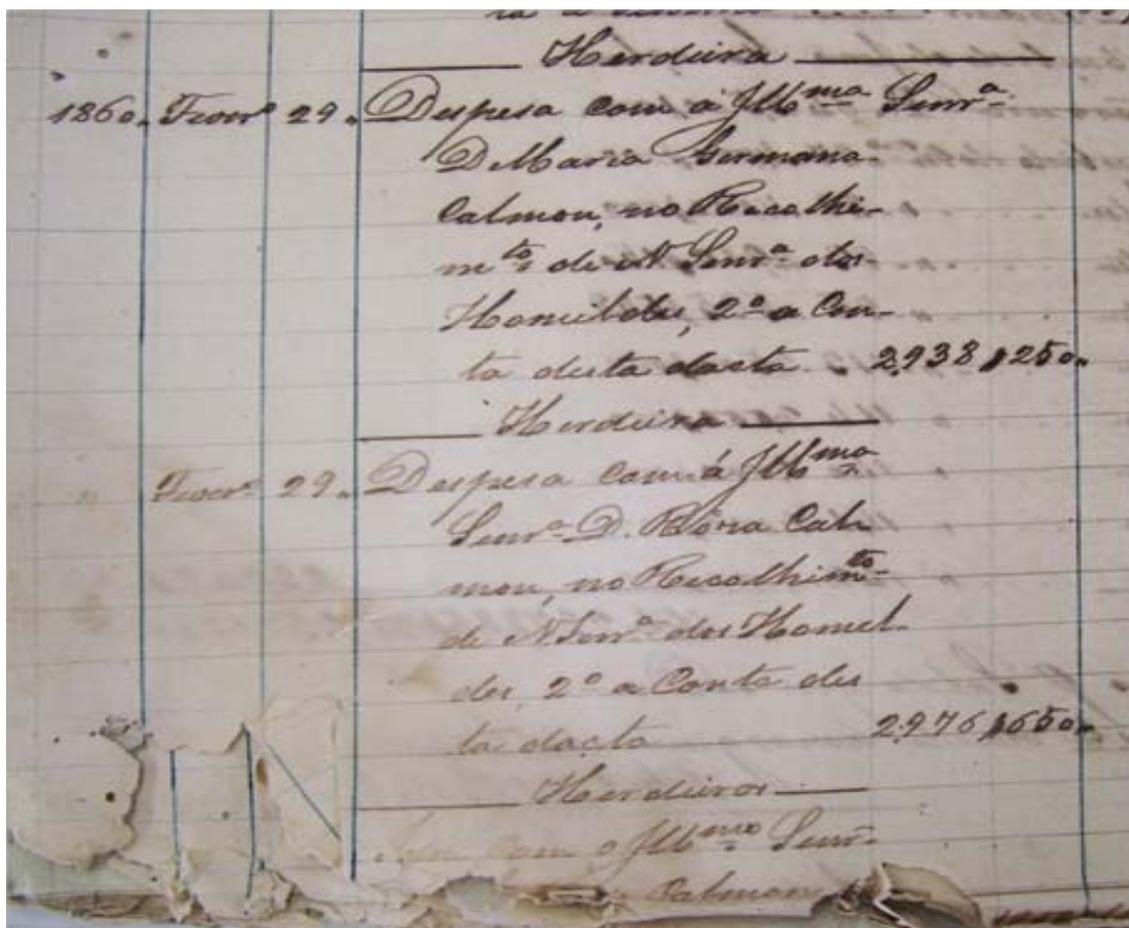
Consta no documento:

“Despesa com a Ilma. Sra. D. Maria Germana Calmon, no Recolhimento de N. Sa. dos Humildes, 2º a conta desta data. 2.938\$250”.

“Despesa com a Ilma. Sra. D. Rosa Calmon, no Recolhimento de N. Sa. dos Humildes, 2º a conta desta data. 2.976\$650”.

Dessa forma, assim como na maioria dos conventos e recolhimentos destinados ao ensino de meninas, nos Humildes também o responsável pela educanda, em se tratando de famílias abastadas, deveria arcar com os gastos pela sua estadia anual, vestuário ou farmácia, além de pagar um “dote”, pela sua permanência no Recolhimento, caso fosse da sua vontade.

²² PAIM, Zilda, História de Santo Amaro, s/ data.



(Fig. 51) Levantamento de rendimentos e despesas, realizado pelo testamenteiro e administrador dos bens do Tenente Coronel Manoel Bernardo Calmon Du Pin²³

Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)

Fotografia: Edjane Silva

Nas pesquisas realizadas pela historiadora Maria José Andrade, já mencionada neste trabalho, há referência a um Estatuto do Recolhimento dos Humildes, anterior ao de 1910, datado de 1813, em que consta a informação de que cabia aos pais das pensionistas toda a responsabilidade com vestuário, calçado, roupa lavada, livros, além do pagamento de pensões mensais. Infelizmente essa documentação que, segundo a pesquisadora pertencia ao arquivo do Convento de São Raimundo, não foi encontrada.

Com relação ao número de órfãs que a casa poderia receber o artigo 4º, do Estatuto de 1910, registra a seguinte norma: “[...] o número de orfas e

²³ Inventário de Manoel Bernardo Calmon Du Pin e sua mulher Maria Rosa de Araújo Calmon - Arquivo Público do Estado da Bahia, Setor Colonial, Série Inventários. 1/200/353/4

pobres deve ser sempre tal que esta casa as possa manter e educar comodamente pelos seus rendimentos, atendo-se também as despesas a fazer com os reparos e conservação dos prédios do patrimônio.²⁴

No “Cerimonial para Imposição de Hábito e Recepção de Recolhidas de Nossa Senhora dos Humildes da Vila de Santo Amaro, extraído do Cerimonial das Recolhidas do Senhor Bom Jesus dos Perdões” encontramos o registro de várias meninas que tiveram acesso ao Recolhimento dos Humildes, nos anos de 1817 a 1928.

Havia um modelo de registro a ser seguido, devendo constar se eram pensionistas ou recolhidas, declarando o ano de acesso, filiação, idade e naturalidade. Além disso, deveria haver a assinatura da Escrivã, Regente e Diretora, entretanto, na maioria dos casos, os registros estão com dados incompletos. Também o mau estado de conservação do documento dificultou a identificação de muitos nomes. Destacamos alguns dos registros de acesso de jovens, conforme consta no referido documento:

“Aos 21 de março de 1818 entrarão por Pensionistas neste Recolhimento com as devidas fianças as orphas D. Maria Benta do Patrocínio, D. Margarida de Souza Calmon, D. Ignácia Francisca de S. Anna e Souza e D. Maria Virginia Calmon, todas orphas de Manoel Ignácio Barreto e D. Ignácia de S. Anna Lisboa.”

“Aos 16 de setembro de 1821 entra D. Anna Joaquina do Amor Divino por recolhida, de 16 anos.

Escrivã: Maria Salomé Cardoso

Regente: Anna Robertta

Vice Regente: Maria de Jesus

“ A 16 de setembro de 1821 entra Maria da Natividade, orpha, moradora da Vila de São Francisco, por pobre, em idade de 7 anos” (Não há referência dos seus pais).

²⁴ Cópia do Estatuto do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, 1910 – Arquivo de São Raimundo



(Fig. 52) Educandas do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes Santo Amaro da Purificação, início do século XX.
Coleção particular
Fotografia: Autoria desconhecida

O Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes parece ter sido o mais importante espaço destinado a educação das jovens na região do Recôncavo Baiano, no século XIX, atraindo desde moças da elite açucareira até aquelas desamparadas. Pensionistas ou não, as meninas que ingressavam nos Humildes tinham a oportunidade de instrução dentro de um modelo pedagógico religioso e moral da época.

Abordaremos com mais detalhes o processo da fundação do Recolhimento dos Humildes como instituição religiosa feminina, antes disso, porém, é importante apresentar brevemente, a história do desenvolvimento da cidade de Santo Amaro da Purificação, no contexto sócio-econômico baiano.

2.2 A CIDADE DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO NO RECÔNCAVO BAIANO



(Fig. 53) Praça da Purificação / década de 1970

Fonte: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia(IPAC / BA) Inventário de proteção do acervo cultural, vol. II Monumentos e sítios do recôncavo – I Parte - Bahia

Cabe aqui ressaltar que não pretendemos, neste estudo, investigar com profundidade as relações sócio-econômicas que envolveram a colonização das terras brasileiras, entretanto, faz-se necessário destacar a importância dessas relações para uma melhor compreensão do processo de formação e dinâmica do desenvolvimento da cidade de Santo Amaro da Purificação, inserida na região do Recôncavo Baiano.

Localizado na face litorânea da Zona da Mata, entre os rios Sauípe e Jequiçá, o Recôncavo aparece formando uma faixa em semicírculo de cerca de 50 a 70Km de largura, que circunda uma baía, aquela batizada pelos portugueses como Baía de Todos os Santos.

Além da produção canavieira, a atividade comercial escrava e fumageira contribuíram para a dinâmica espacial e econômica de toda região do

Recôncavo Baiano, que contava com terras férteis e uma extensa malha hidrográfica, favorecendo o escoamento da produção.

Conforme Andrade:

Há um relevante papel dos rios que possuíam trechos navegáveis, especialmente aqueles que se conectavam à baía de Todos os Santos. Pelo volume d'água e disposição do relevo, os rios Jaguaripe ao sul, Paraguaçu no centro e Subaé ao norte assumiam essa posição de vetores de interiorização ao Recôncavo e conseqüentemente nos pontos finais da navegação desses cursos hídricos, surgiram importantes entrepostos comerciais e posteriormente vilas da região: Jaguaripe/Nazaré, Cachoeira/São Feliz e São Francisco do Conde/Santo Amaro, respectivamente.²⁵

Totalizando 10.400Km² de superfície, o Recôncavo tem como característica geológica a formação de um solo de cor escura, muito rico em materiais orgânicos, pouco permeáveis, mas que conservam a umidade durante muito tempo.

A união do clima tropical com as virtudes do massapé foi fundamental para o sucesso da experiência do cultivo de cana de açúcar, transplantado pelos portugueses e já conhecido na Madeira e Açores. A grande concentração de engenhos, nessa região, teve forte influência na formação da complexa estrutura da sociedade colonial brasileira.

Segundo Mattoso:

No fim do século XVIII a região do Recôncavo contava com quatro vilas: São Francisco do Conde, Santo Amaro, Cachoeira e Maragojipe, além de uma pequena quantidade de pequenos povoados surgidos em torno das capelas das propriedades agrícolas mais importantes, como Jaguaripe e Nazaré. No século XIX, o Recôncavo estava dividido em oito municípios: Candeias, São Francisco do Conde, Santo Amaro, Cachoeira, Maragojipe, Jaguaripe, Nazaré das Farinhas e Atatatuípe.²⁶

²⁵ ANDRADE, Adriano Bittencourt, A Espacialização da Rede Urbana no Recôncavo baiano setecentista à luz da cartografia histórica, p. 7

Fonte: http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/andrade_a-espacializacao-da-rede-urbana.pdf acesso em 15/02/10

²⁶ MATTOSO, Kátia, M. de Queiroz, Bahia, Uma província no Império, Ed. Nova Fronteira, RJ, 1992, p.73

Baseada na produção de cana de açúcar dos grandes engenhos, comandados pelos seus senhores, aconteceu a expansão colonizadora em Santo Amaro. Localizada a 72 Km de Salvador, a cidade está situada às margens do Rio Subaé, considerada um dos grandes centros da região açucareira do período colonial. Por este motivo foi, durante os séculos XVIII e XIX uma das cidades de maior desenvolvimento do Recôncavo, desempenhando importante papel na economia do Estado.



(Fig. 54). Mapa do recôncavo baiano situando a cidade de Santo Amaro.
Fonte: <<http://maps.google.com.br/?ie=UTF8&ll=-12.766268,-38.586731&spn=1.283072,2.458191&z=9>> acessado em 12/05/10

Foi a partir da instalação de um engenho de cana de açúcar, em terras de propriedade de Mem de Sá, em 1592, que teve início o povoamento de Santo Amaro, com a chegada de alguns jesuítas e colonos. Em um lugar de confluência entre os rios Sergimirim e Subaé, foi construída, no ano de 1667, uma capela sob a invocação de Santo Amaro.²⁷

Em sua publicação, Paim registra que, em 1878, havia 129 engenhos de açúcar em Santo Amaro, sendo 92 movidos a vapor.²⁸ Araújo, a partir da consulta ao livro de “Matrícula dos Engenhos da Capitania da Bahia pelos

²⁷ PAIM, Zilda, s/data Op. Cit. P.14

²⁸ PAIM, Zilda, Isto é Santo Amaro, Academia de Letras de Ilhéus, 1969, p.18

Dízimos Reais”, registrados entre 1807 e 1874, destaca já existir em Santo Amaro 136 engenhos.²⁹

Em meados do século XIX, cidades como Santo Amaro, Cachoeira e Nazaré, localizadas nos limites de navegação dos principais rios do Recôncavo, escoadouros de produção de açúcar, fumo e café, construíram suas ferrovias e estabeleceram linhas regulares de navegação a vapor com a capital.

Elevada a categoria de Vila com a denominação de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro por Vasco Fernandes César de Menezes, o conde de Sabugosa, no ano de 1727, Santo Amaro tinha, naquele período, uma população de “14.300 almas”³⁰. Em 1837, a partir da lei provincial nº 43, tornou-se cidade com a denominação de Santo Amaro.

A riqueza advinda da nobreza açucareira estimulou nessa região o desenvolvimento econômico e cultural de forma muito particular, fazendo destacar-se como centro de produção artística e religiosa. Participou dos principais movimentos emancipacionistas, como Revolução dos Alfaiates e Sabinada e das lutas da Independência, além de enviar voluntários e recursos financeiros à Guerra do Paraguai. Devido a sua importância política, em 1859, D. Pedro II realiza visita a Santo Amaro, acompanhado da família Real e comitiva.

Corteados pelas pessoas distintas, enquanto um grupo de meninas vestidas de branco cobria de flores os queridos visitantes. Terminada as cerimônias de praxe, seguiram Suas Majestades para a Igreja da Matriz sob o pátio, conduzido pelos representantes da Câmara Municipal, depois de orarem, foram os visitantes para o Paço Municipal, preparado para hospedá-los³¹

Conforme Paim, durante sua visita, o Imperador fez várias doações em favor das Instituições Religiosas da cidade, dentre elas o Recolhimento dos Humildes, que recebeu a quantia de quinhentos mil réis.

Ainda por volta de 1700, a população nascida em torno da capela de Santo Amaro, começa a se transferir para o núcleo formado pela Praça Nossa

²⁹ Ver ARAÚJO, Jean Marcel Oliveira, *Bahia: negra, mas limpinha*, Dissertação de Mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA, 2006, p. 99
Fonte: <http://www.ppgs.ufba.br/site/db/trabalhos/JeanMarcel.pdf> acessado em 16/02/2010

³⁰ PAIM, Zilda, Op. Cit. s/data P.26

³¹ PAIM, Zilda, Op. Cit. 1969 P.61

Senhora da Purificação, desenvolvendo-se linearmente acompanhando o rio Subaé.

De acordo com o Inventário realizado em 1978, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) o conjunto arquitetônico é formado por doze edifícios considerados pelo referido levantamento como relevantes, datados de meados do século XVIII e início do XIX e, na sua maioria, por casas e sobrados de meados e final do século XIX.³²

A cidade, essencialmente religiosa, tem como padroeira Nossa Senhora da Purificação, homenageada através de sua Igreja Matriz, construída no século XVIII e localizada na Praça da Purificação. Somam-se a esta, a Igreja de Santo Amaro, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora do Rosário, Igreja do Bonfim, além do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, cujos festejos em honra a Virgem, acontecem em 8 de dezembro.

O calendário de festividades populares da cidade inclui, em janeiro, a festa do Senhor Santo Amaro e, em fevereiro, a tradicional lavagem das escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Purificação, inseridas em um contexto de manifestações de religiosidade popular. Neste, inclui-se também a tradição das rodas de samba e maculelê, constituindo-se enquanto expressão musical das culturas populares.

Santo Amaro possui uma população de 58.387 habitantes, segundo estimativa populacional realizada em 2009 pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³³ e uma área de 604 Km².

A partir da década de 50 do século passado, o Recôncavo foi perdendo progressivamente sua importância política e econômica, passando por transformações com a chegada de pólos industriais. A Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) chega na década de 40 e ações de pesquisa passam a ser realizadas pelo Ministério da Agricultura, Conselho Nacional do Petróleo e Petrobrás. Apesar da riqueza gerada por essas ações, o impacto na estrutura social dessas áreas não beneficiou a população de baixa renda e não estimulou a antiga relação Salvador/Recôncavo. Além disso, a nova

³² Informações mais detalhadas, ver *Inventário de Proteção do Acervo Cultural, Vol. II – Monumentos e Sítios do Recôncavo – I Parte – Bahia*, 1978

³³Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf
Acesso em 12/02/10

industrialização trouxe problemas como a poluição hídrica e atmosférica, ameaçando a qualidade ambiental da região.³⁴

2.3 O RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DOS HUMILDES: DA FUNDAÇÃO AOS DIAS ATUAIS.



(Fig.55) Vista geral da Igreja e Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes / Década de 1970
Acervo particular
Fotografia: autor desconhecido

Ó Virgem Imaculada, que ao receberdes na saudação do anjo o anúncio de Vossa maternidade divina, atribuístes a humildade de Vosso coração a plenitude de graças que de Deus recebestes, volvei carinhosamente os olhos de Vossa bondade maternal, para nossa humildade fraqueza, Nossa Senhora dos Humildes, Mãe piedosíssima e Imaculada que, bendizendo a encarnação do verbo, garantistes a exaltação dos humildes e a confusão dos soberbos. Conservai em nós o espírito de humildade,

³⁴ Para saber mais, ver: BRANDÃO, Maria de Azevedo, *Os Vários Recôncavos e seus Riscos*
Fonte: <http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/n01/pdf/brandao.pdf> acessado em 16/02/2010

*simplicidade e submissão filial, a fim de que, na imitação da Vossa predileta, tenhamos a certeza de uma recompensa eterna, por Jesus Cristo, Vosso Filho, Nosso Senhor. Amém.*³⁵

A história de fundação do Recolhimento dos Humildes se deve a figura do Padre Inácio Teixeira dos Santos e Araújo (fig. 56), um santamerense que dedicou sua vida às tarefas religiosas. Nascido em 17 de fevereiro de 1769, era filho do farmacêutico Tomaz Teixeira de Araújo e Santos e de Eugênia do Nascimento de Maria, caçula de uma série de sete irmãos, desde cedo apresentou vocação religiosa.³⁶

Ainda menino Inácio tinha adoração pela figura de Jesus e pelos mistérios da Eucaristia e, em companhia de uma irmã Maria da Penha, fazia igrejinhas e oratórios nas suas brincadeiras de infância. Impulsionado pela sua vocação, entra no seminário e realiza sua primeira missa aos 32 anos na Matriz de Santo Amaro da Purificação.

Conta-se que, ainda muito jovem, tentou erigir uma igrejinha de barro às margens do Rio Subaé, local onde hoje se encontra o Recolhimento. Entretanto, em virtude do frágil material empregado para construção, as enchentes do rio acabaram por destruí-la. Sem desistir de seu objetivo, padre Inácio, ajudado por seu pai, mais uma vez começa a construir nova capela, desta vez com materiais mais sólidos e resistentes. O ano do provável início dessa construção parece ter sido 1793, conforme comprova uma inscrição com esta data, localizada na capela mor.³⁷(fig. 57)

Em 1801 a capela já estava funcionando, mesmo que modestamente. É nesse ano que o Papa Pio VII determina, através de um breve³⁸, datado de 6 de setembro de 1801, a primeira domingo de setembro, depois do dia 8, como dia da festa de Nossa Senhora dos Humildes.³⁹

³⁵ Oração a Nossa Senhora dos Humildes.

Fonte: Museu do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes

³⁶ PINTO, Francisco de Carvalho, *Meu Vale é assim...*, Imprensa Oficial da Bahia, 1970

³⁷ Notas Históricas do Recolhimento dos Humildes, Santo Amaro – Bahia s/data e s/ autoria

³⁸ *Breve* refere-se a documento pontifício, normalmente mais curto e menos solene que uma *Bula*. Trata geralmente de questões privadas como autorizações, benefícios e favores especiais. Fonte:

http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=PERGUNTA_RESPOSTA&id=prs0029

acesado em 10/05/10

³⁹ PAIM, 1969, Op. Cit., p. 82



(Fig. 56) Imagem de Padre Inácio
Pintura / autoria desconhecida
Coleção: Museu do Recolhimento dos
Humildes
Reprodução da autora



(Fig. 57) Lápide do túmulo de Padre Inácio,
localizada no interior da Igreja de Nossa Sa.
dos Humildes e inscrição abaixo, com provável
data de fundação da Igreja
Fotografia da autora

Mas é em 1805 que a capela é realmente edificada, sob a invocação de Nossa Senhora dos Humildes anexando-se a esta uma modesta habitação, já com o intuito de receber “senhoras de reconhecida honestidade que quisessem prestar serviços ao culto Divino”.⁴⁰

Quanto a representação de Nossa Senhora dos Humildes (fig.58), são poucos os registros encontrados que falam dessa invocação mariana. Em seus estudos sobre representações da Virgem, Megale⁴¹, a partir de informações obtidas no Santuário Mariano destaca uma imagem de Nossa Senhora da Humildade, do século XVII, venerada na Vila dos Arcos, em Portugal.

Baseada nos estudos de Wanderley Pinho e Monsenhor Renato Galvão, a autora indica ainda a fundação de uma Capela em homenagem a Nossa Senhora dos Humildes em Feira de Santana, Bahia, havendo controvérsia entre os dois pesquisadores se teria sido fundada no início ou em meados do século XVIII. Finalmente Megale faz referência a Igreja dos Humildes, em

⁴⁰ PAIM, Zilda, s/data Op. Cit.p. 81

⁴¹ MEGALE, Nilza Botelho, Invocações da Virgem Maria no Brasil, 6ª Ed. Ed. Vozes, 2001

Santo Amaro da Purificação e a uma paróquia existente no Piauí, que também tem como orago, a Padroeira dos Humildes.

Muitas são as referências sobre Nossa Senhora encontradas nas Sagradas Escrituras. Uma citação que demonstra seu exemplo de humildade e amor ao próximo pode ser encontrada no trecho “Cântico dos Cânticos” (Lc 1.46-55), em que própria Maria fala da sua condição de serva humilde:

Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus em meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva.” e aos pobres e pequenos que são socorridos, em detrimento de ricos e poderosos: “Depôs poderosos de seus tronos e a humildade exaltou⁴²



(Fig.58)Nossa Senhora dos Humildes / séc. XVIII
Museu do Recolhimento dos Humildes
Fotografia da autora

Não sabemos se Padre Inácio já tinha informações sobre essa invocação da Virgem. Em alguns registros históricos sobre o Recolhimento, conta-se que assim foi chamada, pelo caráter simples e humilde da capelinha, erguida através de ajuda do pai de Inácio, dos irmãos e outros devotos. O

⁴² Bíblia de Jerusalém

próprio Inácio faz doação, em 1806, de duas casas suas, no valor de 500\$000⁴³ para com a renda anual, manter a capelinha dos Humildes.⁴⁴

No ano de 1807 Padre Inácio solicita a Frei José de Santa Escolástica⁴⁵, licença para funcionamento do Recolhimento. Na residência de Ana Roberta da Cruz, que viria a ser primeira superiora do Recolhimento, já se reuniam, naquele momento, mulheres inspiradas na piedade e devoção cristãs, recitando o Terço da Virgem Santíssima, mantendo conversações edificantes.

No requerimento de 1807 (fig. 59), o texto fala sobre a solicitação do Sacerdote Ignácio dos Santos e Araujo, natural e morador na Villa de Santo Amaro da Purificação, recôncavo da cidade da Bahia. Inicia o texto informando ser a vila populosa, “[...]onde não he menor a dissolução dos costumes”⁴⁶ e continua, informando sobre um grupo de mulheres que, arrependidas, quiseram reformar sua errada vida, vivendo recolhidas em número de dez e mantendo-se através de manufaturas próprias do sexo feminino, sem comunicação e dependência de homens.

Percebemos que padre Inácio destaca, em sua solicitação, pontos importantes para se alcançar licença de funcionamento desse tipo de instituição religiosa feminina, como o aspecto moral ligado a vida das mulheres no século XIX e o fato de já estarem reunidas e organizadas, inclusive economicamente, visto que a Coroa não pretendia arcar com despesas de tais instituições.

Finalmente Padre Inácio pede “[...] que V. A. R. lhe permita formar um pequeno recolhimento de mulheres athe o número de trinta e três em honra e desagravo do Santíssimo Sacramento, aplicando-se estas depois de seos piedozos exercícios em instruir meninas que dellas quizerem seos pais, que aprendão não só o que lhes convem a piedade, senão também as primeiras

⁴³ Quinhentos mil réis

⁴⁴ Notas Históricas do Recolhimento de N. Sa. dos Humildes, Santo Amaro-Ba, s/ ref. de autoria e data, p. 6.

⁴⁵ Religioso membro da Ordem de São Bento nasceu na cidade do Porto – Portugal e fez seus estudos em Coimbra. Foi o décimo terceiro Arcebispo a assumir a Diocese de São Salvador, de 1804 a 1814.

Fonte: <http://www.arquidioceseolindarecife.org.br/bispos13.htm>, acessado em 10/04/2010.

⁴⁶ Fonte: Requerimento solicitando licença para fundação do Recolhimento dos Humildes - Arquivo Público do Estado da Bahia / Projeto Resgate, Arquivo Histórico Ultramarino “Dissolução” nesse sentido significa depravação ou devassidão.

É provável que essa última determinação não tenha sido seguida “a risca” pelas religiosas, pois o Recolhimento contava com dormitórios para as internas e, mesmo que todas não pernoitassem na casa, havia as órfãs que eram mantidas pela Instituição, possivelmente morando com a comunidade religiosa.

A comunidade de mulheres piedosas consegue aprovação para imposição de hábito, aprovado em 12 de setembro de 1808 e confirmado pelo Arcebispo D. Frei de Santa Escolástica, tendo como modelo o cerimonial do Recolhimento dos Perdões⁴⁷.

Em “Notas Históricas do Recolhimento dos Humildes”⁴⁸, o autor relata ter encontrado recibos no Arquivo do Recolhimento, referentes aos salários de trabalhadores que participaram da construção do Recolhimento, bem como documentos que comprovam diversas doações de casas próximas à Igreja, sobretudo de Ana Roberta da Cruz e Francisca Soares de Albergaria e Lacerda. Entretanto, nenhum desses documentos foi encontrado em posse das religiosas ou nos Arquivos Públicos da Bahia e de Santo Amaro.

O autor ainda apresenta algumas transcrições de cartas enviadas por Ana Roberta ao Arcebispo, Frei José e deste à religiosa, tratando de negociações quanto à licença de funcionamento da casa de recolhimento. Esperávamos encontrar esses registros no Arquivo da Cúria desta cidade, visto que são documentos que tratam da atuação do arcebispado, entretanto, fomos informados que não havia qualquer informação documental referente ao Arcebispo D. Frei José de Santa Escolástica. Resta-nos apenas lamentar essa enorme lacuna na história religiosa baiana.

Mesmo sem ter em mãos o documento original, julgamos pertinente registrar, neste trabalho, uma das respostas do Arcebispo à Ana Roberta, demonstrando a valiosa contribuição desta mulher para o sucesso do empreendimento religioso erguido em Santo Amaro.

Diz a carta:

⁴⁷ Criado em 1723

⁴⁸ Op. Cit.p.10

Senhora Ana Roberta da Cruz:

Recebi com grande satisfação a carta que V. Mercê me dirigiu e, alegrando-me cordialmente com a bôa notícia de sua saúde, louvo ao Senhor pela constância de devoção e piedade que tem dado a V. Mercê e as suas companheiras de perseveraram firmes no santo propósito de sua vocação.

Parecem-me muito bem as diligências que V. Mercê tem feito para conseguir a licença que pretende, com a prudência e humildade que praticou. E se por hora não a tem conseguido, é porque não é a vontade de Deus que se consiga já; pois se o Senhor o quisesse, todas as dificuldades se venceriam quaiquer que elas fossem. Portanto, é necessário que nos conformemos com a determinação da Providência Divina, e sem poupar as nossas diligências e as nossas orações, esperar que o Senhor disponha a vontade daqueles que nos governam.

Então no tempo aprazado de sua misericórdia o meu Senhor introduzirá a V. Mercê e as suas companheiras no seu Santuário e com inefáveis consolações de sua graça remunerará todos os trabalhos e amarguras que têm sofrido por seu amor e pelo serviço de sua casa.

Haja muita confiança em Deus; nunca esfria o fervor da oração, e o Senhor não faltará.

Bahia, 8 de julho de 1812

De V. Mercê muito afº obrº sº Frei José, Arcebispo.⁴⁹

Após inúmeras negociações, a licença foi concedida e assinada por D. João VI, no ano de 1813. Em 8 de dezembro de 1817 é oficialmente inaugurado, com a entrada de doze recolhidas, nove meninas e duas servas⁵⁰.

Estava estabelecido o Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, sobrevivendo a partir do produto manual das recolhidas, além do patrimônio de pequenas casas e das pensões que as famílias das educandas tinham obrigação de pagar.

⁴⁹ Notas Históricas, Op. Cit. p. 16

⁵⁰ IPAC / BA Inventário de proteção do acervo cultural, vol. II / Monumentos e sítios do recôncavo – I Parte – Bahia, 1978, p. 110



(Fig. 60) Sala de refeitório do Recolhimento de N. Sa. dos Humildes Santo Amaro da Purificação, início do século XX.
Coleção particular
Fotografia: Autoria desconhecida



(Fig. 61) Dormitório do Recolhimento de N. Sa. dos Humildes Santo Amaro da Purificação, início do século XX.
Coleção particular
Fotografia: Autoria desconhecida